

# RESPOSTAS DOS EXERCÍCIOS

## Capítulo “O estudo da linguagem no contexto social”

1. Leia os trechos de uma entrevista transcrita (dados de fala) e da produção escrita (dados de escrita) de duas alunas de 9º ano (retirados de Silva-Brustolin, 2009), depois responda as questões a) e b) propostas a seguir.

### Texto 1: Dados de fala

Bom, a minha história é que um dia, quando eu tinha seis anos, é, eu fui passeá na fazenda de uma amiga minha. Era sábado de manhã e a gente saiu de casa. Mais quando a gente chegô lá, eu fiquei muito animada e a gente quis í vê os animais, então a gente foi vê as galinha. Daí quando eu entrei lá dentro meu chinelo ficou entalado, daí a minha amiga, o nome dela é Sofia, ela foi lá tentá tirá meu chinelo, aí eu fiquei tão animada quando eu vi o chinelo na mão dela, qu'eu peguei e larguei a porta e fui pegá meu chinelo e as galinha fugiro. (Informante A)

### Texto 2: Dados de escrita

Pra mim uma das coisas mais importante é a família. Pois a minha vó e vô mora num sitio em petrolandia e todos meses a gente aluga um onibus e vamos toda a familia deis de filhos, tios e netos.

Fomos pra la esse mês pro aniversario dos meus avós, la nós dançamos, eu dirigi a moto do meu tio, andamos de cavalo, fizemos quentão resumindo fizemos uma festa de arromba e o mais importante é que a família estava toda unida e felizes. (Informante B)

- a) Identifique, nos Textos 1 e 2, um fenômeno variável para cada nível linguístico (fonético-fonológico, morfológico, sintático e discursivo – sinta-se à vontade para identificar casos de interface!), e descreva cada um desses fenômenos, conforme o exemplo no quadro a seguir.

Descrição do fenômeno variável	Variante encontrada nas narrativas	Nível linguístico
Inserção de vogal em sílaba (epêntese)	<i>Mais</i> (em vez de ‘mas’)	Fonético-fonológico

- b) Escolha **um** dos fenômenos variáveis que você identificou nos Textos 1 e 2 e:
- Identifique as **variantes** dessa variável;
  - Levante um **grupo de fatores** linguístico e outro extralinguístico como possíveis condicionadores do uso de uma das variantes.

## Resposta

- a)

Descrição do fenômeno variável	Variante encontrada nas narrativas	Nível linguístico
Inserção de vogal em sílaba (epêntese)	<i>Mais</i> (em vez de ‘mas’)	Fonético-fonológico
Redução do -r final	<i>Passeá</i> (em vez de ‘passrear’), <i>í</i> (em vez de ‘ir’), <i>vê</i> (em vez de ‘ver’), <i>tentá</i> (em vez de ‘tentar’), <i>tirá</i> (em vez de ‘tirar’), <i>pegá</i> (em vez de ‘pegar’)	Morfofonológico
Expressão pronominal de P4	<i>A gente</i> (em vez de ‘nós’)	Morfológico
Monotongação de [ow]	<i>Chegô</i> (em vez de ‘chegou’)	Fonológico
Concordância nominal	<i>As galinha</i> (em vez de ‘as galinhas’), <i>uma das coisa mais importante</i> (em vez de ‘uma das coisas mais importantes’)	Morfossintático
Marcação de sequencialidade	<i>Daí quando eu entrei</i> (em vez de ‘aí/e/então quando eu entrei’)	Textual-discursivo
Concordância verbal de P6	<i>As galinha fugiro</i> (em vez de ‘as galinhas fugiram/fugiu’), <i>minha vó e vô mora</i> em vez de ‘minha vó e vô moram’)	Morfossintático
Presença/ausência de artigo em sintagma nominal	<i>Todos meses</i> (em vez de ‘todos os meses’)	Morfossintático
Concordância verbal de P4	<i>A gente aluga um onibus e vamos</i> (em vez de ‘a gente aluga um ônibus e vai’)	Morfossintático
Regência do verbo ‘andar’ de movimento	<i>Andamos de cavalo</i> (em vez de ‘andamos a cavalo’)	Sintático

Poderiam ser identificados, ainda, outros fenômenos.

b) Essas são algumas possibilidades de resposta. A depender do fenômeno escolhido, outras ainda seriam possíveis.

1) **Fenômeno:** queda do -r final

**Variantes:** *pegá* e *pegar*

**Possíveis grupos de fatores:** classe morfológica (linguístico); nível de monitoramento da situação comunicativa (extralinguístico)

- 2) **Fenômeno:** expressão pronominal de P4  
**Variantes:** *nós* e *a gente*  
**Possíveis grupos de fatores:** posição sintática (linguístico); faixa etária (extralinguístico)
- 3) **Fenômeno:** concordância nominal  
**Variantes:** *as galinha* e *as galinhas*  
**Possíveis grupos de fatores:** saliência fônica (linguístico); grau de escolaridade (extralinguístico)
- 4) **Fenômeno:** concordância verbal de P6  
**Variantes:** *as galinha fugiro*, *as galinha fugiu* e *as galinha fugiram*  
**Possíveis grupos de fatores:** posição do sujeito em relação ao verbo (linguístico); localidade (extralinguístico)

2. A tabela a seguir foi retirada do estudo que Labov desenvolveu na ilha de Martha's Vineyard. Nela, vemos a frequência de centralização da primeira vogal dos ditongos /ay/ e /aw/ em oposição à pronúncia não centralizada e a correlação do uso dessas variantes (a pronúncia centralizada de /ay/ e a pronúncia centralizada de /aw/) com a avaliação dos falantes em relação à ilha (positiva quando se identificam com a cultura local e desaprovam o turismo, negativa quando não se identificam com a cultura local e aprovam o turismo e neutra quando não têm posição definida).

**Tabela 1:** Avaliação e uso da variante centralizada dos ditongos /ay/ e /aw/ na ilha de Martha's Vineyard (adaptada de Labov, 1972: 39).

Número de falantes	Avaliação	Centralização de /ay/	Centralização de /aw/
40	Positiva	63%	62%
19	Neutra	32%	42%
06	Negativa	09%	08%

**Com base nos dados apresentados na Tabela 1 e no seu conhecimento sobre esse estudo de Labov, discuta a importância de se considerarem os condicionadores externos na análise de um fenômeno linguístico em variação.**

**Resposta**

O estudo de Labov em Martha's Vineyard mostra com clareza a importância de se considerar fatores externos para a análise de fenômenos de variação e mudança linguística. Na ilha, o que Labov percebeu foi que os fatores puramente internos não davam conta de explicar satisfatoriamente o que acontecia no fenômeno estudado. Foi apenas quando ele considerou a atitude dos falantes com relação à ilha que a centralização dos ditongos se mostrou mais regular, mais passível de descrição. Na tabela, podemos observar que os informantes que tinham uma visão mais positiva da ilha centralizaram mais a primeira vogal dos ditongos /ay/ e /aw/, ao passo que os

informantes com visão negativa centralizaram menos; já os informantes que não faziam avaliação sobre a ilha (nem boa, nem ruim), coerentemente apresentaram frequências intermediárias.

## Capítulo “A teoria da variação e mudança linguística”

1. Um amigo seu sabe que você está estudando Sociolinguística e diz que tem um grande interesse pela área e que sempre se admirou com o fato de as pessoas falarem de modos tão diferentes. O motivo do interesse, nas palavras de seu amigo, é que ele não consegue entender “como as pessoas conseguem errar tanto quando falam português”. Segundo ele, as regras da língua são claras, fáceis de entender; existe uma forma correta para se dizer cada coisa, e tudo está descrito nas gramáticas. A pesquisa dele em Sociolinguística, portanto, seria direcionada a descobrir o que faz as pessoas se equivocarem tanto e a desenvolver um plano de ação para que todos falassem corretamente.

Explique para o seu amigo que, ao contrário do que ele pensa, a Sociolinguística não costuma observar a língua dessa forma – e mostre o que, então, o sociolinguista faz com relação a essas diferenças que percebemos na língua. Lance mão dos conceitos teóricos que lhe foram apresentados neste capítulo e dê exemplos concretos de estudos variacionistas.

### **Resposta**

Diferentemente da forma como o amigo vê a língua, a Sociolinguística a concebe como um sistema heterogêneo. Assim, as diferentes possibilidades que encontramos no uso linguístico são fenômenos normais, constitutivos do sistema, e não anomalias que devem ser condenadas ou “higienizadas”. A essas diferentes possibilidades de expressão de um significado na língua dá-se o nome de “variantes”, e seu comportamento pode ser estudado pelo controle dos efeitos de condicionadores internos e externos ao sistema linguístico. Inúmeros estudos já foram feitos na perspectiva sociolinguística. Dentre eles figuram o estudo de Monguilhott sobre a variação na concordância verbal em P6 e o estudo de Pagotto sobre a variação na palatalização do /t/ em Florianópolis.

2. Weinreich, Labov e Herzog, no texto clássico *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*, iniciam suas reflexões acerca da mudança linguística com a seguinte questão:

Afinal, se uma língua tem de ser estruturada, a fim de funcionar eficientemente, como é que as pessoas continuam a falar enquanto a língua muda, isto é, enquanto passa por períodos de menor sistematicidade? (Weinreich, Labov e Herzog, 2006 [1968]: 35)

- a) Como os autores respondem a essa pergunta?
- b) A resposta oferecida pelos autores rompe com alguns pressupostos teóricos do estruturalismo saussuriano. Quais são eles?

## Resposta

- a) Os autores afirmam que a língua não passa por períodos de assistemática; ela continua estruturada enquanto passa por processos de mudança.
- b) Os autores rompem com o pressuposto da homogeneidade do sistema linguístico, propondo a heterogeneidade ordenada. Rompem também com a ideia de que a mudança se dá de forma abrupta, propondo, no lugar desse pressuposto, a noção de variação linguística. Finalmente, os autores rompem com a separação de sincronia e diacronia, inserindo o domínio social no desenvolvimento das línguas e assim possibilitando o estudo da mudança enquanto ela acontece.

## Capítulo “Metodologia da pesquisa sociolinguística”

### 1. Coleta de uma amostra de fala e escrita

a) Localize dois informantes com as seguintes características sociais:

- idade entre 13 e 16 anos;
- nível de escolaridade: ensino fundamental completo ou cursando o último ano;
- um do sexo masculino e outro, feminino.

b) Grave uma **narrativa de experiência pessoal**.

Você pode dar um comando do seguinte tipo para o informante: *Conte um fato que tenha acontecido com você e que tenha mexido muito com você. Por exemplo: algum acontecimento que lhe tenha causado muita alegria, ou um grande susto, ou muita tristeza ... ou algo bem engraçado...*

Obs.: A gravação deve ter cerca de 5 minutos.

c) Solicite que o informante conte **por escrito** o mesmo fato que ele relatou.

d) Transcreva as gravações. Procure ser fiel à fala dos informantes. (Ex.: *aí ele foi lá e falô: tá fazeno friu, que tal a gen´tomá uns quentão?*)

## Resposta

Não há uma resposta para a atividade de coleta de fala e escrita. Damos, a seguir, algumas dicas:

- Antes da entrevista, teste o gravador para garantir a qualidade da gravação.
- Cada informante deverá ser gravado separadamente.

- O informante deve saber que está sendo gravado, mas não mencione que a entrevista é sobre a língua; uma sugestão é dizer que está pesquisando dados socioculturais, histórias daquela região etc.
- Você vai dispor de quatro textos: duas narrativas orais (transcritas por você) e as versões escritas correspondentes.
- Identifique as folhas com os textos (a transcrição e a versão escrita do informante) com um cabeçalho. Não identifique o informante pelo nome, mas atribua-lhe um código, que deve ser mantido nas duas versões da narrativa (oral transcrita e escrita).

Veja o exemplo:

Cidade onde reside o informante: São José

Características sociais do informante: 15 anos, ensino fundamental completo, sexo feminino

Data da entrevista: 10/10/2013

Versão da entrevista: entrevista oral transcrita

Código do informante: SJ01

### 3. Elaboração e execução de um projeto de pesquisa

- a) Defina um fenômeno variável como objeto de análise.
- b) Apresente exemplos do objeto escolhido, extraídos da amostra de narrativas levantada.
- c) Formule:
  - objetivo(s) da pesquisa;
  - uma ou mais questões com a(s) hipótese(s) correspondente(s);
  - grupos de fatores (linguísticos e sociais) a serem controlados.

### **Resposta**

**Dica:** Observe a parte metodológica de um dos trabalhos sugeridos ao longo do livro.

## Capítulo “Variação linguística e ensino de língua”

1. Vamos ler (e se possível ouvir) com atenção a cantiga “Cuitelinho”.

CUITELINHO

Cheguei na bera do porto  
onde as onda se espaia.  
As garça dá meia volta,  
senta na bera da praia.  
E o cuitelinho não gosta  
que o botão de rosa caia.

Quando eu vim de minha terra,  
despedi da parentaia.  
Eu entrei no Mato Grosso,  
dei em terras paraguaia.  
Lá tinha revolução,  
enfrentei fortes bataia.

A tua saudade corta  
como aço de navaia.  
O coração fica aflito,  
bate uma, a outra faia.  
E os oio se enche d'água  
que até a vista se atrapaia.

(Cantiga popular brasileira – autor desconhecido)

Responda:

- a) A cantiga “Cuitelinho” retrata a fala de que estrato social do Brasil?
- b) Na troca dos fonemas de <lh> por <i> nas palavras espaia (por ‘espalha’), parentaia (por ‘parentalha’), bataia (por ‘batalha’), navaia (por ‘navalha’), faia (por ‘falha’), oio (por ‘olho’), atrapaia (por ‘atrapalha’) a manutenção do significado das palavras é garantida? Poderíamos trocar as variantes não cultas por formas como espaza (por ‘espalha’), parentaza (por ‘parentalha’), bataza (por ‘batalha’), navaza (por ‘navalha’), faza (por ‘falha’), ozo (por ‘olho’), atrapaza (por ‘atrapalha’)? Se a resposta for sim para a primeira pergunta e não para a segunda, que explicação poderia ser dada para a regra linguística que está por trás da troca regular de <lh> por <i>?
- c) Identifiquemos agora o fenômeno de variação na marcação da concordância nominal em casos como:
  - as onda (por ‘as ondas’)
  - as garça (por ‘as garças’)
  - terras paraguaia (por ‘terras paraguaias’)
  - fortes bataia (por ‘fortes bataias/batalhas’)
  - os oio (por ‘os oios/olhos’)

Qual é a regularidade verificada nesses exemplos em variação? Que regra variável sobre a marcação da concordância nominal pode ser formulada a partir desses exemplos? De que maneira poderíamos levar essa discussão sobre a regra variável a nossos alunos em sala de aula?

### **Resposta**

- a) A cantiga “Cuitelinho” registra uma variedade regional do interior de algumas cidades brasileiras, falada em áreas rurais por pessoas menos escolarizadas.
- b) A troca de <lh> por <i> é um fenômeno chamado de despalatalização, ou seja, perda de palatalização (<lh> passa para <l>), seguida de iotacismo. Justificativa: existe uma aproximação entre os pontos de articulação da palatal /λ/ e da semivogal /y/. Em determinados contextos, portanto, por facilidade ou relaxamento de articulação, o traço palatal passa a ser articulado como alveolar ou como iode.
- c) A regularidade verificada nos exemplos variáveis de concordância nominal deve-se ao fato de a marcação do morfema de pluralidade aparecer sempre à esquerda, na primeira palavra do sintagma nominal, e jamais na segunda, como em:
- as onda e não \*a ondas
  - as garça e não \*a garças
  - terras paraguaia e não \*terra paraguaias
  - fortes bataia e não \*forte bataias
  - os oio e não \*o oios

A regra variável sobre a marcação da concordância nominal pode ser formulada da seguinte maneira: “a marcação do plural é não redundante, aparecendo apenas na primeira casa do sintagma nominal”.

A discussão a respeito da regra variável sobre a marcação da concordância nominal poderia ser levada para a sala de aula em contraposição à regra da norma culta: “o plural no sintagma nominal é redundante, isto é, deve ser marcado em todas as palavras do sintagma”. O professor poderia aproveitar a oportunidade para mostrar aos alunos que as duas regras são gramaticais. A diferença não está no sistema linguístico – já que permite as duas possibilidades –, mas no que a sociedade elege como variante culta da língua.

2. Com base no trecho a seguir, extraído da crônica “Português ou caipirês?”, de Dad Squarisi, e considerando as discussões apresentadas neste capítulo sobre norma padrão, norma curta e norma culta, responda a seguinte questão:

Que língua falamos? A resposta veio das terras lusitanas. Falamos o Caipirês. Sem nenhum compromisso com a gramática portuguesa. Vale tudo: eu era, tu era, nós era, eles era. Por isso não fazemos concordância em frases como ‘não se ataca as causas’ ou ‘vende-se carros’. (apud Bagno, 1999: 95-96)

**Como você levaria a discussão sobre a ‘concordância verbal variável’ para a sala de aula?**

### **Resposta**

Espera-se que sejam levadas em consideração, além das diferenças entre as definições de ‘norma padrão’, ‘norma curta’ e ‘norma culta’ da língua, as diferenças entre os tipos de variação na concordância verbal que a autora traz para debate. Vejamos:



- 1) Na variação em *'tu era, nós era, eles era'* em *'tu era, nós era, eles era'*, o sujeito pronominal está anteposto ao verbo e há um processo de regularização do paradigma verbal. Esse uso é comum na fala vernacular e, muitas vezes, a depender da situação, do contexto, da região e do gênero é estigmatizado. Do ponto de vista da 'norma padrão' e da 'norma curta', esse uso vai ser condenado, uma vez que se trata de "erro". Mas do ponto de vista da 'norma culta' – que se correlaciona com normalidade – o uso variável vai ser explicado como inadequado apenas em situações de mais monitoramento, quando a variedade de prestígio seria a forma requerida.
- 2) A variação observada em frases como "não se ataca as causas" ou "vende-se carros" é encontrada tanto em situações menos monitoradas quanto em situações mais monitoradas na modalidade falada e/ou escrita. Do ponto de vista da 'norma padrão' e da 'norma curta', esse uso vai ser condenado, mas do ponto de vista da 'norma culta', esse uso vai ser explicado, não como um caso de variação (se fosse considerado passiva sintética), mas como uma construção de indeterminação do sujeito.